

improp

16
GERAL

associação dos estudantes da faculdade de ciências de lisboa

Jan/74

POR UMA TOMADA DE POSIÇÃO SOBRE A SALA-A !
PELA CONTINUAÇÃO DA LUTA POR UMA VERDADEIRA ASSOCIAÇÃO !
TODOS À R.G.A. !



TORRE
DO
TOMBO

Nos últimos dias assistimos à transformação da sala-A numa sala que, tal como qualquer outra também não nos serve, a cada momento, de local de discussão, reunião, convívio ou estudo, onde se possa a cada momento ir escrever à máquina ou fazer um cartaz. Ela tem estado vazia, arrumada ou não para aulas, e, bem assim, que a esmagadora maioria dos estudantes que normalmente lá teriam aulas se tenha (muito justamente) recusado a tê-las lá (à excepção de uma turma de Farmácia em que houve cinco alunos a ter lá aula e, logo de início, duma prática de Engenharia não informada do decidido), a verdade é que ela não está de facto a servir-nos como a tínhamos definido, ao decidir ocupá-la.

Na altura em que nos foi possível fazê-lo, transformámos a sala-A num valioso contributo para a quebra do isolamento entre os anos e os cursos, num importante instrumento de apoio a toda a actividade informativa; veio-lhe de facto como uma "sala dos estudantes", como que uma parte duma verdadeira Associação de Estudantes. Nessa altura era uma vitória nossa, não unicamente por não haver lá aulas mas também (e principalmente) pelas facilidades que nos trazia - o fônos várias centenas a passar por lá a estudar, conversar, ler um cartaz ou comprar um livro ou uma sebenta a, muitas vezes, ir até lá entre duas aulas.

Agora a sala não está a ser ocupada por nós, estudantes de Ciências, não vamos ficar indiferentes perante o que está a acontecer: não fugiremos nem à definição do que urge fazer de acordo com as possibilidades actuais, nem à sua concretização.

E, tal como não foi nada-dúvida mas todos nós que decidimos numa dada altura a ocupação da sala, também agora deveremos ser todos a ver o que de momento deveremos fazer.

A nossa posição não será de manter indefinições e muito menos esmorecer ou cruzar os braços. A nossa posição é necessariamente escolher o melhor rumo, o que se traduza no maior avanço e reforço das posições que temos vindo a defender, tentando a cada passo superar as dificuldades que nos surgem. É neste sentido que a Reunião Geral de Colaboradores do dia 9 decidiu:

- convocar para a próxima 4ª feira às 11 horas, uma Reunião Geral de Alunos de Ciências em que se decida a posição a tomar face à actual situação da Faculdade, concretamente sobre a sala-A;

RGA

- apresentar aos estudantes nessa R.G.A. uma proposta, que vem explicitada no texto que se segue;

- apelar a todos os estudantes de ciências para que preparem essa reunião, discutindo e criticando este improp;

- lembrar a importância de todos participarmos na Reunião Geral de Alunos, e contribuírmos para, através duma ampla campanha de esclarecimento, garantir que à hora da reunião não haverá aulas a funcionar em toda a escola.

A SITUAÇÃO ACTUAL E AS SUAS CAUSAS

No dia 28 de Novembro reunimos por cursos, decidimos ocupar ~~a sala~~ para trabalho, estudo e convívio dos ~~colegas~~ para isso a sala A do pavilhão, onde não deveria haver mais aulas.

Esta decisão e esta escolha não foram feitas nem por gostarmos muito de ver uma sala vazia, às "moscas", nem por birra, nem por esta ter o nome da primeira letra do alfabeto. Também não foi, como o C.E. pretende insinuar, uma ideia repentina que aflorou à cabeça de meia dúzia de agitadores ou "iluminados".

Numa altura em que o movimento associativo da nossa escola dava importantes passos em frente e o trabalho aumentava nos diferentes anos e cursos, a necessidade de instalações agravava-se dia após dia ao mesmo tempo que víamos possibilidades da sua ocupação. E assim foi, conseguimos-lo de facto, durante alguns dias.

Mas, depois de um período em que, após a saída do antigo director Almeida Costa, a vigilância policial na escola tinha abrandado, as autoridades voltaram agora a tentar impôr cá dentro a única ordem que lhes agrada -- ao verem que não conseguem convencer ninguém com a sua "boa vontade", desistem dos "argumentos de peso" que eram a "necessidade" da sala para aulas e tentam identificar os estudantes que mais se empenham na sua ocupação.

Ao verem a importância que a sala tinha para nós, o director e o C.E. não hesitaram: aumentam os bufos (mais ou menos bem disfarçados) que se passeiam pelos corredores; são os empregados que "olho alerta" apagam pronta e demoradamente os quadros quando lhes "cheira" a reunião ou discussão numa turma; são alguns professores que ameaçam colegas nossos acusando-os de impedir aulas; é, muitas vezes o controlo policial à entrada, acompanhado e montado pelo conhecido chefe dos continuos -- Zé do Pranto (e chefe de mais pessoas; pelos vistos) -- aquele cavalheiro que, geralmente fardado de continuo, anda muito pelos corredores, empenha dissimuladamente em ler os cartazes e placards e em ver bem quem os coloca; é ainda, na primeira oportunidade que lhes pareceu vantajosa, a entrada da policia na Faculdade para identificar 31 colegas de que depois são suspensos 9.

Em suma, tal como está a acontecer em toda a Universidade com exemplo mais flagrante, em Lisboa o Técnico, e Medicina no Porto, o director e o C.E. empenham-se com afinho em aniquilar o nosso movimento.

E todo este avanço repressivo não foi, como deveria, acompanhado com uma ida de cada vez mais estudantes para a sala, mas antes por um afastamento da Faculdade de grande número, incontinências e assoberbados com matérias e mais matérias que estudar para testes ou exames.

Chegamos assim à situação actual em que a sala A não só não está a servir de apoio e instrumento contra o isolamento dentro da Escola, pelo aumento de informação, para o intensificar de todo o nosso trabalho associativo, como está até a ocupar e a facilitar a identificação de alguns colegas, cujos esforços não estão assim virados para os objectivos atrás definidos, mas sim para manter sem aulas uma sala que, afinal de contas, não nos está a ser útil.

O QUE DEVEREMOS FAZER ?

Será que devemos continuar a esforçar-nos por garantir que a sala continua às moscas?

Parece-nos bem que não ! Devemos antes alterar a decisão que a 28 de Novembro tomámos. E mais, que este não, antes de ser o abdicar da luta em que nos temos empenhado, é a melhor forma de neste momento a reafirmarmos. Porque a sala-A não foi uma birra nossa mas uma necessidade que só em poucos dias conseguimos superar; porque qualquer sala que seja nossa, seja ela localizada na Faculdade ou no edifício da Associação, é importante não para não ter aulas por estar "às moscas" mas sim se fôr de facto um instrumento ao serviço das nossas decisões colectivas e da construção duma verdadeira associação que as sirva.

É natural que, numa primeira impressão esta posição desagrade a alguns colegas que acham que não devemos abdicar de uma decisão já tomada.

Mas não é certo que agora não há possibilidade de conseguir que muitas estudantes a ocupem, única forma de garantir a não identificação dos que a façam? Que, a serem poucas a fazê-lo, essas identificações ou suspensões não trariam qualquer avanço para o nosso trabalho, nem seriam eficazmente respondidas?

Afinal esta ideia é contrária ao espírito com que decidimos a ocupação da sala A, contrária ao avanço do trabalho que intensificaríamos com ela.

É por isto mesmo que ao decidimos por agora, já que não ocupamos a sala, deixar lá haver aulas deve significar principalmente uma forte decisão de firmeza em não abdicar de, de acordo com as possibilidades do momento, continuarmos a

- desenvolver o trabalho cultural, encarando-o não como um trabalho de elites mas como um contributo importante para o desenvolvimento do nosso espírito crítico. Nesta altura em que, ao abrigo de uma lei militar, são incorporados compulsivamente estudantes, importa estudar os diferentes aspectos da legislação anti-estudantil e, com base na experiência adquirida ao longo das lutas estudantis, ver como aparecem os decretos e como se devem combater. Também a campanha de apoio aos estudantes presos não deve parar.

- intensificar a informação dentro da escola, utilizando todos os meios para a fazer chegar ao maior número possível de estudantes. Neste momento é particularmente importante divulgar todos os dados possíveis acerca da situação do Técnico, organizar equipas de reportagem, placards, jornais murais, etc... e preparar assim uma ampla campanha de apoio aos nossos colegas.

- tratar as questões que surgem nas turnas, redobrando os nossos esforços para que sejam, em cada caso, toda a turma e todo o curso a tomar posições firmes e assim conseguirmos fortalecer essas posições inutilizando os esforços do CE de isolar alguns.

- organizar a edição das sobentas e a sua venda nas aulas assim como a venda de livros e textos culturais.

- não abdicar de definir as linhas gerais do trabalho associativo na nossa escola realizando eleições democráticas em que todos possam participar, baseados numa discussão ampla e na experiência que adquirimos ao longo do ano.

PROPOSTA A APRESENTAR À REUNIÃO GERAL DE ALUNOS PELOS COLABORADORES DA ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DE CIÊNCIAS

Considerando:

- 1) Que por a existência de instalações dos estudantes e aparelhagem técnica associativa na escola facilitar o trabalho na defesa dos nossos interesses colectivos decidimos utilizar a sala-A como sala de Convívio e trabalho dos estudantes.
- 2) Que a ocupação de qualquer sala -- quer seja na Faculdade ou no edifício da Associação não deve ser entendido por nós como forma de "esquecer" a aparelhagem técnica da Associação que nos foi roubada, nem como um fim em si, mas sim como um contributo importante para o fortalecimento do nosso Movimento
- 3) Que, tal como está a acontecer em toda a Universidade o director e o C.E. se empenham com afinco no aniquilar do nosso Movimento e logo que viram o papel que a sala-A tinha na luta contra o isolamento dentro da escola e pelo intensificar de todo o trabalho associativo, não hesitaram em redobrar a vigilância policial e aumentar as intimidações, sem que a tais medidas tenha havido da nossa parte uma resposta eficaz
- 4) Que, apesar de a esmagadora maioria dos estudantes se ter vindo a recusar a ter aulas na sala-A chegámos a uma situação em que a existência dessa sala sem aulas não está a servir para os objectivos que definimos mas sim a ocupar e a facilitar a identificação de alguns colegas sem que isso contribua para o avanço do trabalho.
- 5) Que, tal como aquando do encerramento das instalações da associação, também agora, perante este avanço repressivo não devemos abdicar do nosso direito de livre informação e reu-

, de discutirmos colectivamente os nossos problemas, de realizarmos eleições, continuando a organizar-nos a partir das nossas Comissões de Curso.

46

Nós, ESTUDANTES DE CIÊNCIAS, reunidos em REUNIÃO GERAL DE ALUNOS, a 16 de Janeiro, DECIDIMOS

- 1 - terminar a ocupação da sala-A como sala dos Estudantes,
- 2 - utilizar sempre que possível as salas da Faculdade para convívio, trabalho ou estudo
- 3 - que, no caso de o C.E. decidir abrir uma sala da Associação, ela será por nós entendida e utilizada não como "sala de estudo e convívio" mas também como local de trabalho associativo dos estudantes,
- 4 - realizar eleições democráticas no início do 3º período, em que se aprove um Programa para o trabalho associativo.
- 5 - inquirir junto dos representantes do governo na nossa Faculdade- o C.E. e o director - sobre a situação jurídica da Associação e se de facto vão abrir uma sala para os estudantes como fazem crer na sua nota.

INFORMAÇÕES DOUTRAS ESCOLAS

MEDICINA DO PORTO



Durante a época de ~~casas~~ de Outubro passado, o director de Medicina do Porto encerrou o bar desta escola, só o abrindo às 12h para almoços. O bar usado pelos estudantes para convívio e local onde normalmente os nossos colegas tem acesso à informação e onde fazem RGAs e meetings.

No principio das aulas (29 Novembro) reuniram-se os estudantes em RGA, e decidiram concentrar-se em frente ao director, exigindo-lhe a reabertura do bar e o cancelamento de quatro processos disciplinares que esta tinha instaurado.

Perante a recusa do director em ceder, os nossos colegas tomaram nas suas mãos o levar à prática a sua decisão: ao mesmo tempo que realizavam greves intermitentes às aulas, impedem na prática o convívio colectivo (realizando dentro da Faculdade uma sessão cultural) e arrombam e ocupam o bar sucessivas vezes.

A Reunião Geral de Alunos de 11 de Dezembro, com cerca de 600 estudantes, reafirma a decisão anterior marcando mais dois dias de greve. Novamente o bar é ocupado.

No dia 12 o director chama a policia para dentro da Faculdade. Esta ocupa os corredores e a entrada dos vestiários, as portas dos anfiteatros.

A 13 de Dezembro, 6 colegas são presos dentro da Faculdade, suspensos e multados em 2.250\$00. Dois deles, Isabel Seabra (presidente da direcção) e Arnaldo Araújo são transferidos para a Pide onde ficam 8 dias. Nessa manhã, estes estudantes só puderam deixar o hospital 2 ou 3 horas depois da policia os ter preso porque numerosos estudantes estiveram a tentar libertá-los.

Cerca de 100 estudantes arrombam a porta do C.E. onde o director se tinha refugiado; a policia carrega mas não consegue prender ninguém.

A partir deste dia a policia passou a estar sempre no hospital (das 8 às 20) até ao primeiro dia de aulas.

No dia seguinte (14) é presa mais uma colega que é espancada na PIDE e solta 24 horas depois.

Apesar do aparato policial que se mantém, os estudantes continuam com a distribuição de comunicados e a afixação de cartazes.

Dia 18, último dia de aulas, é convocada uma concentração de todos os estudantes do Porto, frente à Pide, no sentido de saber notícias dos colegas presos e de lhes dar comida. Apesar do grande número de pides e choques que aí se encontravam, concentram-se cerca de 70 estudantes. A policia carrega e os estudantes dispersam.

Durante as férias são suspensos preventivamente, por 90 dias, 7 colegas.

Neste período, já se realizaram 2 Reuniões Gerais de Alunos em que os estudantes reafirmaram a sua disposição de luta, tendo sido aprovada a recusa de responder à chamada, nos anos em que houver pessoas suspensas - evitando o chumbo por faltas desses colegas - e o boicote económico ao bar.



TORRE
TOMBO

47

164 COLEGAS, DO ENSINO SECUNDÁRIO, PRESOS

Quando no dia 16 de Dezembro, se realizava em Medicina uma Assembleia Geral dos Estudantes do Ensino Secundário, convocada pela direcção do MAEESL, para discutir a necessidade de informação à população, a polícia cercou o Hospital, prendendo os 164 estudantes que aí se encontravam.

Levados para o Governo Civil, tentaram os pides dividir os nossos colegas, apelando à denúncia, ameaçando-os, etc... Contudo, os estudantes mantiveram sempre um comportamento firme, recusando-se a colaborar com os polícias.

Na manhã seguinte a quase totalidade das pessoas foi solta e intimada a pagar num prazo de dez dias uma multa de 2250.00. Entretanto 17 colegas tinham sido enviados para Caxias, tendo sido soltos 2 semanas mais tarde e multados em 1850.00.

Não reconhecendo qualquer direito à Pide ou ao Governo para aplicar sanções, a grande maioria dos colegas multados recusou-se a pagar a multa.

Informados, os estudantes de Almada, resolveram fazer greve nos dias 17 e 18.

No reconeço das aulas, realizaram-se meetings em vários liceus (Pedro Nunes, D. João de Castro, D. Pedro V, etc.) em que, centenas de estudantes discutiram a sua situação, afixaram cartazes e organizaram distribuições de comunicados em grandes grupos.

Sabe-se desde já que os colegas que foram identificados, estão a receber processos disciplinares

OS ESTUDANTES DE ECONÓMICAS EM GREVE

No fim do primeiro periodo, os nossos colegas de Económicas decidiram fazer greve às aulas, como forma de apoio à luta dos estudantes do Técnico e aos seus colegas do 2º ano, ameaçados com chumbo colectivo.

Esta greve geral tem sido cumprida, estando marcada para segunda feira (14) nova Reunião Geral de Alunos para, de acordo com a situação, decidir da continuação da luta

APOIANDO OS SEUS COLEGAS SUSPENSOS

OS ESTUDANTES DO I.S.P.A. RECUSAM-SE A PAGAR AS PROPINAS!

Como já veio noticiado no Improp, 5 estudantes do ISPA foram suspensos por 2 anos na sequência da luta travada pela abolição dos testes obrigatórios numa cadeira,

Agora, e face à recusa das autoridades de aceitar a inscrição no semestre e as propinas dos estudantes suspensos, foi decidido que ninguém pagaria as propinas.

Cientes de que é unânime a recusa do pagamento das propinas, resolveram os professores suspender as aulas dos Instituto.

Os estudantes têm-se reunido em Reunião Geral de Alunos, com o sentido de discutirem a sua situação e de decidir formas de luta pela reintegração dos colegas suspensos.

EM LETRAS SÃO SUSPENSOS MAIS QUATRO COLEGAS

Aproveitando a ausência dos estudantes durante as férias, o Conselho Escolar deste escola fez sair mais suspensões. Neste momento, eleva-se a 20 o número de colegas impedidos por 90 dias de frequentar a Faculdade.

Esta represália do C.E. é motivada - tal como já veio referido em anteriores improps - pela luta que os nossos colegas de letras travaram no periodo passado, impondo o seu direito à livre informação e reunião.

Os estudantes suspensos são alguns daqueles que mais se empenharam no ano passado, na expulsão dos gorilas da sua escola.

8 estudantes incorporados compulsivamente

Apesar de, em princípio, ainda terem "adiamento", foram incorporados no exército 8 estudantes.

A sua incorporação compulsiva é devida a "informação de mau comportamento" dada pela Pide ao exército.

Seis deles foram presos quando, no dia 1 de Janeiro de 1973 se encontravam na capela do Rato participando numa greve de fome e numa discussão colectiva sobre a guerra colonial.

São eles : José Galamba de Oliveira - Direito (ex-dirigente associativo, a cumprir dois anos de suspensão)

Miguel Oliveira da Silva - Medicina

Boavida - Medicina

João Qua - Económicas

João Cordovil - Económicas (ex-dirigente associativo)

António Ferreira - Letras



Dos outros dois colegas, o Fausto (ISCSPU) é ex-membro da direcção da AE desta escola, e o Pedro Páhinha faz parte da actual junta de delegados de Direito

técnico

Reabriu o Técnico no dia 10, com seis dias de atraso sobre a data normal de abertura das aulas após as férias de Natal, contradizendo na prática as informações que os jornais têm dado, segundo as quais tudo estaria "normal" no I.S.T.

As carrinhas da policia, o controlo de cartões tem-se mantido o que não impediu os nossos colegas tivessem realizado na manhã desse mesmo dia um meeting. Este foi interrompido, pelo director Sales Luis que foi vaiado pelas centenas de estudantes que se encontravam reunidos. Entretanto o Sales correu a refugiar-se entre os seus colegas policiaes que imediatamente saíram das carrinhas e começaram a formar. Para reforço das carrinhas já existentes, permanentemente dentro do Técnico, foram chamadas mais duas, sem que contudo os policiaes tivessem chegado a carregar.

De tarde realizou-se novo meeting com cerca de 300 estudantes, sem que houvesse intervenção policial.

Entretanto têm-se multiplicado as tentativas das autoridades no sentido de impedir o cumprimento da greve. Além dos 70 estudantes cuja matrícula foi recusada, muitos mais colegas são impedidos de entrar do I.S.T.

estudantes presos

DIREITO - José Luis Saldanha Sanches - membro da junta de delegados. Preso a 30 de Outubro. Sofreu 3 periodos de 4+4+4 dias de tortura de sono. Segundo a Pide vai a julgamento.

Maria José Morgado - Presa a 22 de Outubro em casa. Teve dois dias de tortura de sono e foi espancada várias vezes. Segundo a familia vai a julgamento.

José Alexandrino - preso em Direito (no bar) a 13 de Dezembro pelos gorilas. Levado para a sala dos gorilas foi espancado e interrogado e levado para o Governo Civil. Encontra-se neste momento em Caxias. Segundo informações da familia foi submetido à tortura do sono.

Ana Sinões - Presa à entrada de Medicina em Novembro. Inicialmente foi torturada

Carlos Gago - preso em Novembro, foi solto a 23 de Dezembro. Teve 4 dias de tortura de sono.

MEDICINA - Joaquim Judas - membro da direcção da C.P.A. Preso a 23 de Novembro. Foi submetido a 4 dias de tortura de sono. Contraiu uma bronquite infecciosa tendo sido enviado para o hospital. Neste momento encontra-se de novo na cela, em Caxias,

Maria José Campos - 1.º ano, presa em Novembro.

ECONOMICAS - Emanuel Santos - preso a 28 de Dezembro, na sede do "Tempo e o Modo"